

Pôsteres finalizados

EIXO 1 – FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA: UM TEMA CENTRAL PARA A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E ESTÉTICA: A PESQUISA EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS

Marlene de Souza Dozol (coordenadora)
Ananda Maria Maciel
Bruno Lima
Dail Silva
Luana Aversa
Priscilla Stuart da Silva

Em setembro de 2014, a partir da linha de pesquisa em Filosofia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, surge o grupo de estudos em Estética. Em sua própria formação, o grupo já parece demonstrar sua metodologia de estudos e pesquisas. Estudantes e pesquisadores de graduação, mestrado e doutorado, com pensamentos e ideias de pesquisas diversas, se unem para pensar o núcleo central de suas paixões: a educação, a formação e a arte. Ideias e discussões sobre a tecnologia, a juventude, a pedagogia, a poesia, a literatura, a natureza, as imagens plásticas e a cultura se inter-relacionam buscando o alcance formativo dessas combinações e relações. Com as diversas estrelas, portanto, o grupo busca a forma de sua constelação.

O grupo define-se então pela investigação ampla e plural da arte e do belo para especular sobre o tema da formação humana. Mediante o exercício contemplativo e a crítica dirigida às mais diversas modalidades de expressão artística, pretende operar por arranjos ou transposições que orientem a pesquisa em filosofia da educação em sua dimensão “poética”: de um “fazer, produzir” à procura de uma grafia que alie a arte à filosofia e ambas à educação. Propõe-se, desse modo, uma experiência de estudos e pesquisas que recupere o sentido original da palavra “theoros”: ser espectador, mas um

espectador que imagina e inventa meios para, em nosso caso, ver e expressar melhor a promoção do humano e dos seus possíveis.

A metodologia de pesquisa para pensar a formação humana está constituída, portanto a partir da noção de *constelação*: correlacionando educação, filosofia, literatura e imagens plásticas; nosso guia operacional parte da seguinte analogia: “as ideias relacionam-se com as coisas como as constelações com as estrelas” (BENJAMIN, 2011, p. 22). A união entre estas diferentes disciplinas e áreas do saber não se constituem simplesmente por proximidade casual por possuírem como objeto, – cada uma a sua maneira - o humano, mas pelos seus significados intrínsecos que potencialmente podem ser desdobrados para pensar sobretudo a *formação*. A imagem revelada por essa pluralidade de saberes nos mostra que a constituição e condição humana são processos em devir e plurais, entrelaçados a uma dinâmica e dialética do jogo da vida, que alia conhecimento e experiência.

A constelação a que nos referimos como metodologia para pensar a pesquisa em Filosofia da educação deseja unir o obscuro ao ausente, esse lado da experiência passível de conhecimento formativo. Buscando uma fissão entre as áreas de conhecimento mencionadas “a constelação apresenta-se como método: nem arte nem pensamento impõe-se como primeiro” (NOVAES, 1994, p. 10) a proposta é a de buscar esse elemento que construa uma ideia de humano em sua integralidade.

Referências:

- BENJAMIN, W. A palavra como ideia. In: _____. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- NOVAES, A. Constelações. In: _____ (org.). *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA: UMA VISÃO DA DIMENSÃO ECOLÓGICA DO SUJEITO

Talita Pereira da Silva (Universidade Nove de Julho)

São Paulo-Brasil

talita.professoradoconde@gmail.com

INTRODUÇÃO

A filosofia da educação contribui diretamente na reflexão sobre a formação humana, sobre os fins da educação e também é exercida no campo teórico-prático da educação escolar. Como a formação humana é um dos pontos centrais da filosofia da educação pretendemos com este trabalho discutir uma noção de sujeito que inclua sua dimensão ecológica. A temática ambiental é um dos objetos de estudo da educação escolar e se torna um eixo bastante explorado. Há esse esforço de objetivar a vida, porém não estamos fora desta vida, esta está em nossos corpos e esse esforço deve retroagir sobre as condições de nossa própria existência revelando nossa dimensão ecológica. A filosofia virá para contribuir nesta reflexão e análise onde o sujeito irá se projetar no meio em que vive e perceber-se como integrante de um sistema mais amplo.

Através de pesquisa bibliográfica, ainda em andamento, textos que se referem ao pensamento complexo auxiliaram na busca da religação dos saberes, fundamental a uma compreensão mais articulada da vida.

DESENVOLVIMENTO

Uma das dimensões do ser humano é a ecológica. Como nós humanos nos compreendemos como parte de um sistema vivo? Este tema de discussão faz parte de uma formação para a manutenção da vida e para a reflexão sobre as interdependências entre as pessoas e o meio, além de percebemos-nos como parte de um sistema e como contribuimos para sua formação.

A nossa noção de sujeito carrega tanto a dimensão subjetiva como a biológica e sempre a ecológica. Não podemos encerrar o sujeito em apenas uma dimensão. Trata-se de considerar todas as dimensões do ser como partícipes em sua formação. Não reduz o ser a soma de suas partes, mas como estas partes interagem e como suas ações são integradas e dependentes. A tessitura de nossa formação não poderá abarcar a vida como algo externo ou um objeto que não faz parte do sujeito. Esse pensamento traz a biologia com uma interface filosófica e a filosofia da educação que reflete sobre a

formação humana, para um entendimento mais amplo das dimensões do sujeito e suas relações com o meio.

Sabemos que a vida e a organização do ser devem ser pensadas dialogicamente. O princípio dialógico consiste em unir termos antagonistas e que aparentemente deveriam se opor, mas nesse dialogo de contrários há a produção de conhecimentos. Ao pensarmos dialogicamente concebemos as insuficiências de um pensamento que recorta o ser humano e não o pensa globalmente a partir de suas características. Ciências humanas e naturais, antes de tudo podem romper com suas distâncias no esforço de alimentar aprendizagens sobre a vida.

CONCLUSÃO

Quando trazemos a ecodependência não é com o intuito de resumir o sujeito a apenas esse aspecto. Não é para privilegiar um aspecto em detrimento do outro, mas nos colocarmos em uma atividade pensante em prol do movimento, de um sistema em rede. Não com o objetivo de um grito da alma “vamos cuidar do meio ambiente”, mas com a intenção de nos compreendermos parte deste sistema ecológico e que esta dimensão está presente, é indissociável do sujeito e faz parte da nossa formação enquanto humanos.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. *O método 2: vida da vida*. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. 3ed. São Paulo: Olho d'Água, 2012.

EIXO 4: PAPEL DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

OS CAMINHOS APONTADOS PELA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Cleide Rita Silvério de Almeida

Universidade Nove de Julho, São Paulo – Brasil

[<cleidea@uol.com.br>](mailto:cleidea@uol.com.br)

Elaine T. Dal Mas Dias

Universidade Nove de Julho, São Paulo – Brasil

[<etdmd@terra.com.br>](mailto:etdmd@terra.com.br)

RESUMO

INTRODUÇÃO. A leitura dos filósofos oferece contribuições importantes para a formação dos educadores, constituindo-se como uma fonte de nutrição e como mobilizadora da reflexão sobre as práticas desenvolvidas em aula. Partindo de pesquisa bibliográfica, temos por objetivo incentivar a leitura de textos dos filósofos, visando a apreender atitudes e posturas que podem ser aplicadas no cotidiano de trabalho, bem como mostrar que a Filosofia, em diversas temporalidades históricas, já apontava caminhos que poderiam ser incorporados pela Educação. No âmbito deste trabalho destacaremos sucintamente algumas propostas de leitura como Heráclito e Montaigne, observando que as possibilidades oferecidas pelas fontes filosóficas estendem-se para além das mencionadas, que podem ser ampliadas e enriquecidas.

DESENVOLVIMENTO. A leitura dos fragmentos de Heráclito põe-nos em contato com o movimento das contradições e o devir, revigorando nossa maneira de pensar, que está muito acostumada a raciocinar com compatibilidades, procurando eliminar divergências, dissonâncias e conflitos. O filósofo de Éfeso destaca não só a contradição, mas também a complementaridade entre os contrários. É um pensador das instabilidades e sua proposta ajuda-nos a refletir sobre várias situações com que nos deparamos em sala de aula e que exigem, muitas vezes, mais a articulação entre os antagonismos do

que sua supressão. Ele nos ensina a caminhar com desenvoltura pelos antagonismos, procurando reunir coisas aparentemente separadas, chamando-nos a fazer reorganizações contínuas. Montaigne, na obra *Ensaaios*, também apresenta propostas de como lidar com os alunos e com o conhecimento que são muito pertinentes para os tempos atuais. Assinala que é preciso cuidado na escolha de um preceptor, que precisa mais de uma boa cabeça do que de muito recheio. Que o conhecimento não deve ser transmitido como se fosse despejado por um funil para depois ser repetido. Discorre também sobre a necessidade de diálogo e escuta atenta entre o discípulo e o preceptor, não se baseando este em autoridade e força, mas no equilíbrio. Que não avalie apenas pelo que a memória reteve, mas veja de que maneira a criança assimilou e como faz a relação com outros assuntos de sua vida. Avaliar pela memória é avaliar a regurgitação e não o que foi digerido. Estas premissas de Montaigne que destacamos também podem ser encontradas na pedagogia de Paulo Freire, quando critica a concepção bancária de educação, e no pensamento complexo, quando fala que mais do que acumular é importante dispor de princípios organizadores do conhecimento. CONCLUSÃO. Estes pensadores ajudam-nos a trabalhar a proposta, não de uma transmissão passiva de conhecimentos, mas de assimilação e apropriação. Destacam a importância de um pensar aberto e da maneira de organizar os conhecimentos. Trouxemos algumas ideias para situar a importância da filosofia na formação de educadores, no intuito de estabelecer um diálogo estimulador com estes autores e não promover o empilhamento burocrático e estéril de conteúdos. REFERÊNCIAS: MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Organização M. A. Screech. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. OS PRÉ-SOCRÁTICOS: fragmentos, doxografia e comentários. Seleção de textos, supervisão e tradução de José Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

O PENSAMENTO COMPLEXO E O ENSINO DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ana Carolina Robles de Cara Ramos

Universidade Nove de Julho – UNINOVE / Brasil

anarobles@bol.com.br

Yonara de Albuquerque Camurça

Universidade Nove de Julho – UNINOVE / Brasil

yonaracamurca@hotmail.com

INTRODUÇÃO: O ensino da Filosofia possui uma grande importância no desenvolvimento do educador, pois, possibilita questionamentos internos e, conseqüentemente, a reorganização desses pensamentos, que vão contribuir na formação humana do educador. De acordo com a complexidade, o desenvolvimento do ser reflexivo torna-o consciente da constante busca pelo conhecimento, e este, necessita se reorganizar, fundamental para a compreensão da condição humana. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, analisamos o papel da Filosofia na formação docente, ao qual consideramos ser bastante desafiador, pois enfrenta paradigmas educacionais que evidenciam o saber docente como verdade absoluta. **DESENVOLVIMENTO:** O pensamento filosófico questionador e estimulador da reflexão sobre existência humana propõe uma compreensão da realidade e da ação do sujeito na sociedade. Para a complexidade, o pensamento que produz incertezas é capaz de gerar novos conhecimentos, pois impulsiona o indivíduo à busca por respostas e este será capaz de construir novos saberes. A docência requer uma ação pedagógica consistente, tanto teórica, quanto prática, para que o professor possa desempenhar na sala de aula um papel de transformador, capaz de religar os saberes e colocando em prática o aprendizado. O conhecimento precisa ser visto como um ato, sendo considerada a relação entre os aspectos biológicos, linguísticos, culturais, cerebrais, sociais e históricos. É importante que a Filosofia na formação de professores, seja capaz de produzir incertezas que permitam que o pensamento ultrapasse a sua própria fronteira encarando a dúvida como fonte de novos saberes. **CONCLUSÃO:** A Filosofia pode contribuir tanto no desenvolvimento da consciência da condição humana, como também

no desenvolvimento da crítica, da autocrítica e da compreensão humana, como propõe o pensamento complexo. Diante disso, o maior desafio da Filosofia é instigar o desenvolvimento do refletir frente às questões que preocupam os sujeitos. O conhecimento a ser trabalhado nas aulas, baseado no pensamento complexo pressupõe a religação dos saberes antes separados, em saberes que questionam e enxergam as multidimensões dos fenômenos cotidianos. Para educar plenamente, é preciso ousar na aventura incerta do conhecimento, deixar-se enroscar pelos fios, desembaraçar alguns, retomar outros, ir e vir, para vir-a-ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LORIERI, Marcos Antônio. Reforma do pensamento e necessidade da filosofia. In: ALMEIDA, Cleide Rita Silvério; PETRAGLIA, Izabel. (Org.). **Estudos de Complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Trad. de Juremir Machado da Silva. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: POSSIBILIDADES DE EDUCAÇÃO PARA O PENSAR

Rosemary Gonçalves de Oliveira, UNINOVE, Brasil,
rokegi2002@yahoo.com.br

Elaine Teresinha Dal Mas Dias, UNINOVE, Brasil, etdmdias@terra.com.br

Introdução: Tendo a escola um papel fundamental na formação do sujeito, este pertencente a um espaço-tempo social, um dos seus principais protagonistas é o sujeito-professor e professora. A formação se dá nas relações que o sujeito estabelece consigo e com o outro. Sendo assim, a escola é o ambiente propício e privilegiado para essas relações. Sob esse aspecto, as relações podem ser reprodutoras das relações estabelecidas na sociedade da qual a escola faz parte. Na perspectiva do materialismo histórico, estas refletem mais especificamente as relações de poder estabelecidas pela luta de classes. Sendo assim, professores e professoras precisam ter clareza de qual o seu papel e das formas como organiza o espaço escolar. Nesse sentido, questionar-se se quer ser um agente colaborador para a manutenção/conservação de desigualdades sociais e se as ações que realizam representam seu pensamento faz-se necessário. Posto dessa maneira, qual seria, então, o papel da universidade na formação inicial desse sujeito/profissional que atuará nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Nessa formação, qual a principal contribuição da filosofia para a compreensão e clarificação do ser sujeito/profissional/professor e professora?

Desenvolvimento: Por meio de pesquisas bibliográficas que permitam verificar as possibilidades de desenvolvimento de uma formação acadêmica para o pensar, busca-se discutir a atuação da Universidade na formação de professores e professoras, tendo a filosofia um papel fundamental nesse contexto. No conjunto bibliográfico, inclui-se estudo e análise de programas de ensino do curso de licenciatura em Pedagogia de quatro universidades públicas (Federais e/ou estaduais) e quatro universidades particulares. Dentro desses programas, analisar as ementas da disciplina de Filosofia, considerando que neles estão expressos discursos que, não sendo a única representação da realidade, são uma das formas de manifestação do ser, à luz da hermenêutica interpretativa. Com Gadamer e Ricoeur, busca-se compreender os elementos de significação presentes na linguagem utilizada, gerada pela realidade e, que ao mesmo tempo,

também a gera. **Conclusão:** Os discursos demonstram a necessidade da formação universitária repensar o ensino da filosofia e como este oportuniza ao sujeito professor e professora pensar e repensar-se no seu papel na educação escolar. **Referências bibliográficas:** BLEICHER, J. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: ed.70, 1992.

BORDIEU, P. *Estruturas Sociais e Estruturas Mentais*. *Teoria de Educação*, nº 3, 1991, RGS, p.113-119.

BORNHEIM, G. *Dialética: teoria e práxis*. 2. ed. Porto Alegre, Editora Globo, 1983.

FERRAÇO, C. E. (org.). *Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo*. São Paulo: Cortez, 2005.

GADAMER, H.G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução por Enio Paulo Giachini. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. (Vol. I e II) Petrópolis: Vozes, 1992.

MONTEIRO, A. R. *Profissão Docente: profissionalidade e autorregulação*. São Paulo: Cortez, 2015.

RICOEUR, P. *O conflito das Interpretações*. *Ensaio de Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SEVERINO, A. J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

EIXO 5 – PAPEL FORMATIVO DA FILOSOFIA NO ENSINO SUPERIOR

TRADIÇÃO E FORMAÇÃO: A CRISE NA IDENTIDADE DOCENTE¹

Patrícia VaniBemfica Osório²

Universidade do Vale do Sapucaí-Brasil

patty@varginha.com.br

Sônia Aparecida Siquelli³

Universidade do Vale do Sapucaí- Brasil

soniasiquelli@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, que se encontra em andamento, objetiva compreender qual é a identidade do docente do curso de Graduação em Direito de uma faculdade no Sul de Minas Gerais, num ambiente educacional derivado de uma crise da tradição e do humano, que segundo Arendt (2014) retrata as profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas ocorridas no século XX. Ainda, visa compreender o

¹Este trabalho é parte da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação, que se encontra em andamento, pelo Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás.

²Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí-Univás. Professora de Direito Penal e Prática Jurídica da Faculdade de Direito de Varginha e Membro da Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação: Ética e Política, pelo NEPHEB-Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ética, Política e História da Educação Brasileira.

³Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-Ufscar. Professora de Ética e Política na Formação Docente no Programa de Pós Graduação-Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí-Univás, em Pouso Alegre/MG. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB.

rompimento com a tradição na formação do profissional do Direito e a construção de sua identidade neste cenário social.

DESENVOLVIMENTO

Sob a perspectiva de análise arendtiana, este estudo parte da construção do perfil docente do professor, relacionando-o com o histórico dos cursos jurídicos no Brasil. De natureza qualitativa, realizou-se análise documental e bibliográficas, além de aplicação de questionário semiestruturado aos docentes e discentes concluintes e ingressantes da graduação de Direito. Segundo Arendt (2013) na Modernidade, entendida como século XX, há uma crise instaurada na identidade do mundo e do homem, o que faz com que a formação humana busque na dimensão política condições de conhecimento para realizações de suas escolhas e do seu agir.

A análise documental realizada permitiu conhecer que, nos últimos 188 anos de curso superior de Direito, a tradição sempre se fez presente, mas houve falta com a preocupação com a docência no ensino jurídico. Segundo Carlini (2008), não havia preocupação com a formação do docente dos cursos jurídicos.

CONCLUSÃO

Assim, deve-se compreender o fenômeno da identidade docente dos professores dos cursos jurídicos, em pleno início do século XXI, não amparado mais pela tradição, mas a ela dependente para firmar sua autoridade, numa sociedade onde os valores do humano não mais espelham a finalidade da formação jurídica, que, *a priori*, seria formar um grupo de intelectuais capazes de socialmente transformar o Brasil.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARENDDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2013.

CARLINI, A. O professor de Direito: Perspectivas para a construção de uma identidade docente. In: CARLINI, A.; CERQUEIRA, D. T. de; e ALMEIDA FILHO, J. C. de A. **180 anos do Ensino Jurídico no Brasil**. Campinas: Millennium, 2008.

ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Cleide R. Silvério de Almeida
Universidade Nove de Julho
PPG em Educação
São Paulo – Brasil
cleidea@uol.com.br

Elaine T. Dal Mas Dias
PPGE em Educação
Universidade Nove de Julho
São Paulo – Brasil
elaine.mas@uninove.br

RESUMO

INTRODUÇÃO. As balizas mestras das Orientações Curriculares para o Ensino Médio em Ciências Humanas e suas Tecnologias, em especial, dos Conhecimentos de Filosofia, resumidamente, visam o desenvolvimento de uma de leitura significativa dos textos filosóficos; a elaboração escrita da apropriação refletida e a defesa argumentada de suas posições; a articulação dos saberes filosóficos e os diferentes discursos das ciências humanas; e a contextualização dos conhecimentos filosóficos nos níveis pessoal, sócio-político, histórico-cultural e científico-tecnológico, ultrapassando as simples reproduções de informações. Com base nesses pressupostos questiona-se: os alunos que completaram o Ensino Médio em instituições públicas saem preparados educacionalmente como sugere a legislação? Ao ingressarem no Ensino Superior estão capacitados a responder às exigências desse segmento da educação? Estão aptos a analisar criticamente a realidade? **METODOLOGIA.** Esta pesquisa, ainda em andamento, examina as competências e as habilidades de análise, interpretação e posicionamento crítico-argumentativo de alunos graduandos de psicologia, de uma instituição privada do município de São Paulo, que frequentaram aulas de filosofia como componente curricular obrigatório. Os sujeitos são oito alunos do terceiro semestre na disciplina de Estágio Básico, com idade variando entre 19 e 21 anos,

procedentes de escolas públicas da região metropolitanas da cidade, que tinham como responsabilidade semanal a elaboração de um relatório escrito que objetivava a compreensão, apreensão, articulação teórica e a explicação de posições, diante de artigos extraídos da literatura especializada sobre o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade. RESULTADOS. Os resultados parciais, revelaram restrição de vocabulário, de entendimento textual, de argumentação, de sustentação de posições e de articulação conceitual; além disso, demonstraram limitações na língua portuguesa, como ortografia, pontuação, acentuação, concordâncias e elaboração redacional. As primeiras aproximações mostram que as dificuldades parecem decorrentes de: (1) um ensino básico distanciado das proposições dos documentos legais, nos quais se pretendem consciências críticas e fecundas hábeis a gerar respostas apropriadas a problemas novos e a situações originais; (2) afastamento dos objetivos da disciplina de Filosofia em seu papel formador que contemplam o desenvolvimento discente, preparação para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho; (3) desconsideração da importância da disciplina no âmbito geral formador frente às demais; e (4) insegurança e temor em se contrapor aos autores estudados, como se fosse proibido discordar das postulações, fenômeno indicativo de aceitação passiva contrária à ideia de educação que busca a formação do sujeito como fruto de um processo de aprimoramento. Concorda-se que não é função exclusiva da Filosofia a formação de cidadãos e leitores críticos, concretizada na conjugação das especialidades; entretanto, visivelmente, ocorreu uma oferta de saberes que não se traduziu em conhecimentos, mas em mera reprodução descontextualizada e empobrecida de informações e noções superficializadas. REFERÊNCIAS: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Ciências humanas e suas tecnologias *Orientações curriculares para o ensino médio*. volume 3, Brasília 2006.

EIXO 6 - PAPEL FORMATIVO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ENSINO MÉDIO

Eixo 6: Papel Formativo da Filosofia no Ensino Médio

CHIES, Andréia B. Borba - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-Brasil) e bolsista CAPES/UEDELAR. E-mail: andreiaborba@gmail.com

OLIVA, Vitor C. Almeida - Acadêmico do 6º semestre de Direito da Faculdade de Direito Santo Agostinho (FADISA-Brasil). E-mail: vitor.ca.oliva@gmail.com

Resumo: Uma vez que, há algum tempo, a filosofia passou a fazer parte do quadro de disciplinas obrigatórias no currículo escolar das três séries do Ensino Médio, entendemos ser relevante uma reflexão acerca da possibilidade de, efetivamente, se ensinar filosofia, bem como uma reflexão sobre o desafio proposto ao professor para tornar esta matéria significativa na formação dos jovens educandos. Pensar o exercício da filosofia exige uma abertura à multiplicidade, pois é necessário considerar os diferentes contextos nos quais ela está inserida, tais como as diversificadas realidades escolares, os vários fins atribuídos à filosofia nas escolas, bem como os diversos objetivos educacionais a serem alcançados. Todavia, há, ainda, uma questão anterior a essa problemática, e que diz respeito à possibilidade de se ensinar ou não filosofia. Afinal, ensina-se filosofia ou ensina-se a filosofar? Esta é uma questão que se apresenta à frente de toda possibilidade de se pensar o ensino de filosofia, pois vai além de uma simples preocupação com a *práxis* pedagógica, abarcando, também, toda uma forma de se conceber a própria filosofia. É na esteira desta reflexão que valemo-nos do pensamento do filósofo Immanuel Kant (*Crítica da Razão Pura e Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?*), para quem não é possível ensinar filosofia, mas sim ensinar a filosofar. Para este pensador, a filosofia é um saber que jamais será estático. Antes, ao contrário, é um saber sempre incompleto, em construção e que está continuamente em

movimento. E uma vez que a filosofia não é um saber estanque, sua captura e apreensibilidade não se fazem possíveis, cabendo, portanto, ao professor, o desafio de ensinar o educando o movimento do filosofar, bem como de cuidar para que este filosofar seja realizado em consonância com o próprio pensamento filosófico, tornando-se, assim, uma experiência filosófica. Acreditamos, contudo, que ainda outro questionamento se faça necessário, qual seja: o que pode ser entendido como algo específico de uma experiência filosófica e que possa ser, ao mesmo tempo, uma experiência formativa? Para dar conta de tal questão, valemo-nos do pensamento de Deleuze-Guattari (*O que é filosofia?*), no tocante ao âmbito da criação de conceitos. Ora, a filosofia é, primeiramente, promotora de questionamento. Mas não um questionamento qualquer e sim aquele questionamento radical, no sentido de que vai à raiz das coisas para averiguar suas verdades, hierarquias, teores e postulados. Esse tal questionamento, intimamente atrelado ao ato de filosofar, desestabiliza as certezas preestabelecidas e, ao mesmo tempo, traz consigo novas possibilidades de articulações que produzem uma abertura ao movimento de criação de novos conceitos a partir, justamente, das ruínas daquelas certezas que foram desestabilizadas. Assim sendo, por meio de uma análise crítica intersubjetiva das obras dos autores supracitados, acreditamos que o ensino do movimento do filosofar pode, sim, ser uma experiência filosófica formativa, na medida em que, a partir dos escombros das verdades e certezas que ele próprio demoliu por meio dos questionamentos, bem como sob a inspiração de conceitos filosóficos do passado, o educando se envolva no processo de criação de seus próprios conceitos que possam vir a dar conta de seus problemas atuais. Desta maneira, a filosofia, o ato do filosofar e a experimentação do pensamento filosófico se fazem uma coisa viva, pertinente, significativa e formativa.

ENSINO DE FILOSOFIA: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO

Andréa Scopel Piol

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

(Centro Universitário Norte do Espírito /UFES/Brasil)

andrea_scopel@hotmail.com

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Orientador: Jair Miranda de Paiva

RESUMO

A reintrodução da Filosofia no Ensino Médio nos desafia a repensar esse ensino enquanto processo *ativo e criativo* que nos convida para uma *experiência de pensamento* (KOHAN, 2009) e para a *criação de conceitos* (DELEUZE-GUATTARI, 1992; GALLO, 2012), contribuindo na construção de subjetividades livres e potentes. Logo, pensar na potência criativa da Filosofia e do seu ensino implica propiciar espaços abertos ao pensamento, à transformação, a outras subjetividades, ao diálogo, à diferença, o que apontam desafios e novas perspectivas às instituições de ensino e, especialmente, aos professores de filosofia para o processo formativo dos jovens estudantes do ensino médio. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é apresentar resultados parciais de pesquisa em andamento no Mestrado em Ensino na Educação Básica, pela UFES, cuja finalidade é investigar práticas e experiências do ensino de filosofia no Ensino Médio, assim como problematizar e pôr em evidência a formação desses profissionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo cartográfico, intencionando acompanhar processos da prática pedagógica e dos agenciamentos dessas experiências nos cotidianos escolares e, assim, contribuir com a formação de professores de filosofia da educação média. A produção de dados fez-se através de observação participante, entrevistas semiestruturadas, questionários, diário de campo e análise de conteúdo. As cartografias dessa pesquisa se encaminham para os encontros de corpos, de movimentos, de afetos, das intensidades e das multiplicidades que vão se constituindo e se produzindo agenciamentos com e entre os professores de filosofia. Poderíamos, então, afirmar que os resultados dessa pesquisa encaminham para as singularidades, as fragilidades e as virtualidades que estão presentes nesses professores de filosofia. Entre eles encontramos potencialidades, mas também uma espécie de

fragilidade. Nesse contexto, evidencia-se, até então, que os docentes de filosofia encontram dificuldades e, preocupados em torná-la uma disciplina interessante, criam linhas de fugas nas *artes de fazer* seus currículos, e, em alguns casos, adotam práticas conteudistas e espontaneístas. É indispensável pensar esse ensino como sinal de problematização filosófica, como condições de afetar o modo de vida daqueles que a compartilham pelo exame e o cuidado de si, como afirma Foucault; para que se possa, como Sócrates, provocar e examinar a nós mesmos e aos outros, tornando os estudantes sujeitos reais de sua história. Ademais, exige-nos pensar a prática filosofia no contexto de uma *educação menor*, a partir das quais promove política do cotidiano, como nos ensinam nossos intercessores Deleuze-Gallo.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Pensamento. Experiência. Criações.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GALLO, S. *Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, W. O. *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*. Coleção Ensino de filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA DOS JOVENS: CONTEÚDOS E METODOLOGIAS.

M. Dulcinea da S. Loureiro – URCA – Brasil

mdslou@uol.com.br

Jossane dos Santos Leite– URCA – Brasil

jossanesantos22@gmail.com

GeorgiaPerreira Reis – URCA – Brasil

georgia_simp@hotmail.com

Introdução

A filosofia, enquanto disciplina escolar no nível médio envolve um conjunto de problemas tanto de ordem pedagógica como filosófica que devem ser compreendidos tomando como referência as especificidades e os interesses dos jovens em formação no contexto em que estão inseridos.

Severino (2002) aponta como imprescindível a formação filosófica para os jovens, na medida em que os componentes filosóficos podem contribuir para ajudá-los a ampliar sua compreensão de mundo, de si mesmo e “ensejar um processo de análise, de reflexão e de discussão, mediante o qual eles possam lidar de maneira adequada com a própria subjetividade no enfrentamento com a objetividade das condições circunstanciais de suas vidas concretas” (p. 189).

Desenvolvimento

Esse trabalho apresenta um recorte da pesquisa: “Como pensam os jovens a filosofia que estudaram no ensino médio?” que tem por objetivo averiguar os limites e possibilidades da disciplina de Filosofia sob o ponto de vista dos jovens. A pesquisa em andamento está sendo realizada com os estudantes do primeiro semestre (2014) da Universidade Regional do Cariri (URCA) dos cursos de Pedagogia, Letras, História, Economia, Geografia e Direito em que 360 discentes responderam um questionário. Para esse momento apresentamos os dados relativos ao material didático, conteúdo e metodologia trabalhados pelos professores na disciplina filosofia que cursaram no ensino médio.

No que se refere aos materiais didáticos segundo os jovens, o mais trabalhado foi o livro

de filosofia, seguido de filmes e textos literários, letras de músicas e blogs, são pouco trabalhados. A leitura de textos em sala de aula foi a metodologia que os jovens mais assinalaram, seguida de debates e de aula expositiva.

Organizamos uma lista de conteúdos tomando por referência os planos de curso dos professores e solicitamos que os alunos marcassem quais haviam estudados. Os conteúdos mais apontados foram: ética e moral, origem da filosofia, mito, cultura. Os conteúdos menos assinalados foram: Lógica, Temas da atualidade. Os dados apontados nessa **questão podem ser melhor explicitados quando relacionamos com a pergunta “Qual o conteúdo que mais lhe chamou a atenção?”**, **61 alunos não responderam a questão, quinze responderam que não se lembravam.** Para 68 jovens o conteúdo ética e moral foi o mais marcante. Os conteúdos: religião (32), política (26), origem da filosofia (22), mito (21), cultura (21), ideologia (18), conhecimento (09), verdade (08), estética (05), temas da atualidade (06), morte (05), foram citados. Somente três filósofos aparecem na relação dos alunos: Sócrates (04), Platão (02) e Karl Marx (01).

Conclusão

Os dados apontados nos questionários, ainda em fase de análise, estão sendo confrontados com os resultados da pesquisa (2011/2012) em que foram analisados os planos de curso e entrevistas com os professores que ministram a disciplina no ensino médio no Município. A análise preliminar evidencia que a maioria dos jovens tem uma percepção positiva da Filosofia que cursaram e, mesmo apontando os problemas, consideram importante a disciplina no ensino médio.

Referências bibliográficas

KOHAN, Walter Omar (org.). **Ensino de Filosofia: perspectivas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência pessoal. In: KOHAN, Walter. **Ensino de Filosofia – perspectivas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EIXO 7 - PAPEL FORMATIVO DA FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

FILOFOSANDO NAS SÉRIES INICIAIS: DA INQUIETAÇÃO A AULA

AUTOR: Pedro Weslei de Oliveira Silva⁴

ORIENTADOR: Maria Dulcinea da Siva Loureiro⁵

INTRODUÇÃO

A educação deve proporcionar o prazer pela dúvida, pelo questionamento, pela indagação desde os primeiros anos em que as crianças são inseridas na escola. Devemos incentivar a curiosidade natural das crianças, como o Pequeno Príncipe, menino questionador que nunca esquecia uma pergunta que tivesse feito.

Foram os questionamentos das crianças do 4º ano de uma escola municipal situada em Juazeiro do Norte-CE, sobre a qualidade da merenda escolar oferecida pela escola que nos motivou durante o estágio supervisionado II no Ensino Fundamental, a trabalhar a filosofia em duas aulas em que nos propomos a estabelecer um diálogo sobre a maneira como as políticas públicas repassam verba para a manutenção e execução da escola, mais precisamente sobre a merenda escolar.

DESENVOLVIMENTO

A problemática foi trabalhada em duas aulas, na primeira discutimos o que as crianças consideravam uma alimentação saudável, mostramos que o governo federal repassa aproximadamente trinta centavos diariamente com a merenda deles, e os provocamos a construir uma lista de alimentos saudáveis que dava para adquirir com aquela verba.

Em seguida, fizemos a comparação entre esses e os repasses feitos com a previdência e com o sistema penitenciário, onde se gasta até três vezes mais com um detento do que com um aluno. Nesse momento a inquietação se instaurou na sala, os

⁴ Aluno da Universidade Regional do Cariri-URCA, Brasil, wesleipedagogia@gmail.com

⁵ Professora da Universidade Regional do Cariri-URCA, Brasil, mdslou@uol.com.br

alunos foram tomados por um sentimento de revolta, e o debate começou. Alguns comentários de alunos: “Como é que pode? O cara mata e recebe mais do que a gente”, “Aposto que a merenda deles é melhor do que a nossa”, “Tio, o que nós podemos fazer?”. Houve muita conversa os alunos estavam inflamados querendo fazer alguma coisa, estavam sedentos por respostas.

Explicamos que o sistema carcerário também não é o Éden, mas que os valores estavam sendo invertidos. Para os alunos poderem atuar através do que viram, pedimos para que eles escrevessem uma carta para o Prefeito, explicando sua indignação, e solicitando uma nova merenda escolar. Pedimos que essa carta fosse escrita em casa, mas infelizmente por conta de desencontros nos dias da regência, não podemos recolher as cartas de todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas foram endereçadas a Prefeitura da cidade que até o presente momento não se manifestou sobre o assunto, mas acreditamos que esse exercício do Filosofar deve ser uma constante dentro das salas desde as séries iniciais, pois esse acesso facilitará a criança no seu processo de formação humana.

Não querendo fazer a filosofia de redentora, mas acreditamos que um dos papéis da filosofia seria de ajudar aos alunos que futuramente se tornarão cidadãos possam dar um salto no pensamento e romper com o imediatismo que carregamos, será necessário muito trabalho e muita gente capacitada para que consigamos mudar a forma de agir filosofia na conjuntura atual da escola, no entanto, defendemos que é possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAVERO, Altair Alberto. **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí, UNIJUI, 2002.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.